

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

# TRÊS DIAS

em

# JUNHO

# ANNE TYLER

VENCEDORA DO PRÊMIO PULITZER



1

DIA DA NOIVA

**A**s pessoas deixaram simplesmente de dar pancadinhas nos relógios. Já repararam? Relógios de pulso normais, quero eu dizer. Lembram-se de como as pessoas costumavam dar-lhes umas pancadinhas de vez em quando?

O meu pai, por exemplo. Tinha um *Timex* com um mostrador do tamanho de uma moeda de cinquenta cêntimos, e sempre que a minha mãe o deixava à espera, franzia a testa para o relógio e dava-lhe uma pancadinha com a ponta do dedo. Como que a insinuar, supponho agora: «Isto está certo? Será possível que já seja tão tarde?» Quando eu era criança, no entanto, achava que ele estava a tentar acelerar o tempo — fazer com que a minha mãe aparecesse instantaneamente à nossa frente já de casaco vestido, como alguém num filme acelerado.

Pus-me a pensar nisto há pouco tempo por causa da Marilee Burton, a diretora da escola onde eu trabalhava, que me chamou ao gabinete uma sexta-feira de manhã, quando eu ia a passar no corredor.

— E se viesses conversar um bocadinho comigo? — disse ela. Isto não era uma ocorrência normal (tratávamo-nos mais ou menos formalmente). Ela acenou para a cadeira Windsor que tinha em frente à secretária, mas eu fiquei à porta, de cabeça inclinada.

— Pensei que te devia avisar — disse ela. — Não posso vir na segunda-feira. Vou ter de fazer uma cardioversão.

— Uma quê? — perguntei.

— É um procedimento ao coração. Tem andado a bater mal.

— Oh — disse eu. Não me consegui fingir de surpreendida. Ela era uma daquelas mulheres muito elegantes que usavam saltos altos em toda e qualquer ocasião, a candidata perfeita a problemas cardíacos. — Bom, lamento imenso — acrescentei.

— Vão só dar-lhe um choque elétrico para ele parar e voltar a bater normalmente.

— Ah — disse eu. — É como dar pancadinhas num relógio.

— Perdão?

— Mas isso não é perigoso? — perguntei.

— Não, não — disse ela. — Já o fiz uma vez, mas foi nas férias da Páscoa, por isso não senti necessidade de o comunicar.

— Pronto, está bem — disse eu. — E quanto tempo vais ter de ficar de baixa?

— Volto na terça-feira, como nova. Não precisas de alterar minimamente a tua rotina. *No entanto* — acrescentou, endireitando as costas atrás da secretária, aclarando a garganta e ajeitando bruscamente uma pilha

de papéis que não precisavam de ser ajeitados —, no entanto, isto leva-me também a um assunto que tenho andado a querer discutir contigo.

Eu própria endireitei as costas. Tenho sempre imensa atenção ao tom de voz das pessoas.

— Vou fazer 66 anos no meu próximo aniversário — disse ela —, e o Ralph acabou de fazer 68. Ele tem andado a sugerir viajarmos um bocado e passarmos mais tempo com os netos.

— A sério?

— Por isso, estava a pensar entregar a carta de demissão antes do novo ano letivo.

O ano letivo começava em setembro. Nós estávamos no fim de junho.

— Então... Isso quer dizer que vou ficar com o lugar de diretora? — perguntei.

Era uma pergunta muitíssimo lógica, não acham? *Alguém* tinha de ficar com o lugar, e eu era a primeira da lista, de certeza. Tinha sido assistente da Marilee nos últimos 11 anos. Mas ela deixou que um pequeno silêncio se instalasse, como se eu me tivesse equivocado. Depois, lá respondeu:

— Bem... Era mesmo acerca disso que queria falar contigo.

Pegou na folha de cima da sua pilha de papéis e virou-a para mim, empurrando-a até à beira da secretária. Dei um passo em frente, a contragosto. Semicerrei os olhos para ver melhor. Era uma folha datilografada com um recorte de jornal agrafado a um canto — uma fotografia a preto e branco de uma jovem de ar sério, dona de um cabelo energicamente encaracolado. «Estudo de

educadora de Nashville acerca das diferenças de aprendizagem vence o prémio McLellan», dizia o título.

— Nashville? — perguntei (nós estávamos em Baltimore). Além disso, não fazia ideia do que poderia ser o prémio McLellan.

— Levei o nome dela à direção quando comecei a pensar em reformar-me — disse a Marilee. — Dorothy Edge. Talvez já tenhas ouvido falar dela. Bom, a verdade é que li o livro dela e achei-o muito impressionante.

— Levaste o nome dela à direção — repeti.

— Vamos ser sinceras, Gail — disse ela. — Já tens 61, se não estou em erro. Tu própria não vais trabalhar muito mais tempo.

— Só tenho 61 anos! — respondi. — Nem sequer estou perto da idade da reforma!

— Não é só uma questão de idade — atalhou ela. Olhava para mim de queixo erguido, como fazem as pessoas quando sabem que agiram mal. — Vamos lá ver: este trabalho exige uma série de competências sociais. Sabes isso perfeitamente! De certeza que és a primeira a admitir que as interações sociais nunca foram o teu forte.

— Que história é essa? — perguntei. — De que género de interações sociais é que estás a falar?

— Enfim, é claro que tens muitas outras qualidades — disse a Marilee. — És bastante mais organizada do que eu. Tens muito mais jeito para falar em público. Mas pensa só no que aconteceu ainda agora. Eu contei-te que tinha um problema cardíaco e tu limitaste-te a dizer «Oh», antes de passares à parte em que querias ficar com o meu lugar.

— Eu não me limitei a dizer «Oh» — recordei-lhe.  
 — Também disse: «Lamento imenso.» — (Outra das minhas qualidades é ter uma excelente memória auditiva, incluindo para as minhas próprias palavras.) — O que querias mais que eu dissesse?

— Eu não *queria* que dissesses mais nada — retorquiu ela, com o queixo agora praticamente apontado para o teto. — Só estou a dizer que é preciso algum tato para se ser diretora de uma escola privada para raparigas. É preciso alguma diplomacia. Temos de evitar dizer coisas como: «Santo Deus, Sra. Morris, já devia ter percebido que a sua filha não tem a mínima hipótese de entrar em Princeton.»

— A Katy Morris não é sequer capaz de entrar numa escola *profissional* decente, quanto mais em Princeton — fiz notar.

— A questão não é essa — disse a Marilee.

— E então? — perguntei. — Só porque me recuso a bajular todos os teus papás milionários, estou condenada a ficar para sempre como assistente da diretora?

— Nem por isso... — disse a Marilee, baixando o queixo e olhando diretamente para mim. — Talvez não devesses ficar.

— Perdão?

— Talvez devesses pensar noutra ocupação — sugeriu ela. — Seguir um caminho diferente. Fazer qualquer coisa com que sempre tenhas sonhado. O que dizes?

Perguntei-me que raio julgava ela que eu poderia querer fazer. Não sou o tipo de mulher que se dedica a sonhar com coisas.

— A Dottie, ou melhor, a Dra. Edge, manifestou o desejo de trazer consigo a assistente com quem trabalha em Nashville — disse a Marilee. — Parece que são uma equipa bastante eficaz.

Dottie.

Durante todo este tempo, mantive-me agarrada à mala com as duas mãos, segurando-a à minha frente. (A Marilee tinha-me apanhado a caminho do meu gabinete, logo ao início do dia.) Subitamente, senti-me como uma mendiga, a entrelaçar os dedos enquanto pedia uma esmola, e pus a alça ao ombro.

— Bem — respondi —, espero que sejam as duas muito felizes. Adeus, Marilee.

— Gail?

Girei sobre os calcanhares e saí.

— Gail! Não sejas assim, *por favor!*

Atravessei o corredor até ao átrio, passei pelo expositor dos troféus e saí pela porta da rua.

Nem sequer me dignei a ir buscar o estojo com os lápis e as canetas à minha secretária, nem a fotografia da minha filha no traje de formatura, nem o casaco de malha que estava pendurado no armário. Alguém mos poderia enviar depois, pensei. Ou deitá-los para o lixo. Qual era a diferença?

Havia apenas três carros no parque de estacionamento: o da Marilee, o meu e o do zelador. O céu estava carregado e cinzento (ia chover), e os dois trabalhadores que colocavam cones de trânsito no passeio ali perto envergavam casacos impermeáveis laranja. Entrei no meu *Corolla*, liguei o motor e arranquei imediatamente, sem sequer baixar as janelas, embora o interior parecesse

um forno. Não suportava a ideia de ser observada, era por isso. Sentia-me cheia de vergonha, exposta.

Embora fosse claro que a culpa não era minha!

Vivia tão perto da escola que às vezes ia a pé, mas nessa manhã tinha levado o carro, pois estava a pensar passar pela lavandaria depois do trabalho para ir buscar o vestido que ia usar à noite. Era o ensaio da cerimónia de casamento da minha filha, seguido de um jantar, se bem que agora não me conseguia imaginar a ir. Vi-me a mim própria sentada na igreja quase vazia, enquanto o resto dos convidados apontavam para mim, a cochichar:

Coitada da Gail, sussurravam eles. Já vos contaram?

Foi despedida aos 61 anos.

Faltam-lhe competências sociais.

Nem sequer foi consultada acerca do Dia da Noiva da própria filha, a acontecer hoje, no Darleen's Spa and Massage. Foi a mãe do noivo a organizar tudo. (Em que é que a Gail teria ajudado?, deve ter pensado. Uma pessoa tão... angulosa, com um rosto tão pálido, o cabelo liso, que não se preocupava minimamente com o aspeto!)

Mas podiam pelo menos ter falado comigo. Afinal de contas, sou a mãe da noiva.

Mesmo que nunca me tivesse passado pela cabeça que pudesse haver tal coisa como um Dia da Noiva.



Não passei pela lavandaria. Fui direita a casa. Estacionei na berma, subi os degraus do alpendre, abri a porta, dirigi-me à sala e deixei-me cair na primeira cadeira que

encontrei, virada para a janela. Havia uma cortina branca translúcida a obscurecer a vista, pelo que ninguém me conseguia ver da rua. Na estante, o relógio de lareira do avô Simmons marcava as horas. Eu não tinha uma lareira onde o pôr. A casa era muito pequena e simples, com dois quartos, construída algures nos anos 60. A televisão era tão velha que tinha uns dois palmos de profundidade. Havia uma manta de croché em cima de um dos braços do sofá, para tapar os buracos do estofô. Mas, ao menos, eu era dona da casa, sem hipotecas. Tinha-a comprado com o dinheiro que o meu pai me deixou. Podia ter ficado com a casa dos meus pais, já que a minha mãe se mudou para um apartamento logo a seguir à morte dele, mas nessa altura o meu casamento já estava tremido, pelo que achei que precisava de uma casa que fosse capaz de manter sozinha, sem precisar de depender do Max. Não estou a insinuar que ele não tivesse onde cair morto, ou algo do género, apenas que tinha uma certa tendência para escolher empregos que pagassem mal. Sempre foi chapa ganha, chapa gasta, até hoje: dá aulas numa escola para adolescentes em risco em Eastern Shore. Mora num T0 arrendado por cima da garagem de alguém.

Nunca me tinham dito que me faltavam competências sociais. Não por essas palavras, pelo menos. É verdade que a minha antiga sogra me tinha dado um exemplar do *Boas Maneiras para os Despistados*, mas isso era só... um pró-forma, ou não? Todas as noivas precisavam de um manual de etiqueta! Ela não queria insinuar nada com aquilo.

Escrevi-lhe um bilhete a agradecer o livro, só para mostrar que as minhas maneiras eram impecáveis,

e depois o Max sugeriu que convidássemos os pais dele para jantar e que eu exagerasse na etiqueta, oferecendo-lhes tigelinhas para lavarem os dedos depois da sopa, ou lá o que era. É claro que ele estava a brincar. Acho que nunca chegámos a convidar os pais dele para jantar.

Pensaria a Marilee que eu era rica? Não me podia dar ao luxo de ficar sem trabalho!

O relógio recompôs-se com um zunido de engrenagens e tocou uma sequência de notas difusas. Pensei que fossem nove horas, mas afinal eram dez. Eu estava ali sentada numa espécie de estupor, evidentemente. Levantei-me e pendurei a mala no armário, mas depois vi um movimento do outro lado da cortina, uma sombra escura e pesada. O Max, santo Deus. Afastei a cortina cerca de um centímetro. Trazia uma mochila a tiracolo e uma mala retangular pendurada na mão esquerda.

Fui à porta da frente, abri-a, e olhei para ele pela porta de rede.

— Então? — perguntei.

— Estás em casa! — disse ele.

— Sim...

— A Debbie foi a uma coisa chamada Dia da Noiva.

— Certo — disse eu.

— Mas ela já sabia que eu vinha. Eu avisei-a. Cheguei a casa dela e não encontrei ninguém. Liguei-lhe para o telemóvel e ela disse que não estava à minha espera tão cedo.

— Porque é que chegaste tão cedo? — perguntei.

— Queria fugir à hora de ponta. Tu sabes como é atravessar a Bay Bridge à sexta.

Mais uma boa razão para não se viver do outro lado, podia-lhe ter dito. Abri a porta de rede e estendi a mão para a mala dele, que afinal não era uma mala, mas uma espécie de transportadora para animais. Com um quadrado de rede de um dos lados e uma coisa atenta e nervosa a espreitar lá de dentro com os olhos muito brilhantes. O Max afastou ligeiramente a transportadora e disse:

- Deixa estar.
- O que é isso?
- Um gato.
- Um gato!
- Achas que posso entrar?

Saí da frente e ele entrou com esforço, sem fôlego, fazendo ranger o soalho. O Max não era gordo, nem por sombras, mas era *pesado*, com os ombros largos; dera sempre a impressão de ocupar mais do que a sua quota-parte de espaço numa sala, embora fosse pouco mais alto do que eu. Nos anos que passaram depois do divórcio, deixara crescer uma daquelas barbas que deixavam na dúvida se eram propositadas; talvez só se tivesse esquecido de a cortar durante algum tempo. Uma penugem grisalha, eriçada, a condizer com o cabelo eriçado, grisalho, além de que parecia ter desistido de se preocupar com a roupa; por norma, usava camisolas de malha largas e calças caqui folgadas. Esperei que ao menos tivesse trazido um fato para o casamento, mas sabia-se lá.

— Não podias ter deixado o gato em casa, com comida e água? — perguntei, seguindo-o até à sala. — Quer dizer, já é bastante mau ficares em casa da Debbie, mesmo sem

o gato. A meio dos preparativos para o casamento, pelo amor de Deus!

— Ela não se importava que eu ficasse em casa dela — respondeu o Max. — Disse que não havia problema.

— Pois, mas acrescentar um gato à confusão... Os gatos safam-se bem sozinhos. Até preferem, na verdade.

— Este não — disse ele. Pousou a transportadora na bancada da cozinha. — Este ainda é novo.

— É um gatinho?

— Não, é bastante velho.

— Mas acabaste de dizer...

— É uma gata velhinha que pertencia a uma senhora muito idosa, e agora a senhora morreu e a gata está de luto — disse ele.

Havia imensas perguntas que eu podia fazer acerca do que ele acabara de dizer, mas achei que não valia a pena o esforço. Baixei-me para espreitar a gata.

— A Debbie sabe que a trouxeste? — perguntei.

— Agora já sabe.

Fiquei à espera de que ele desenvolvesse.

— É complicado — disse ele. Limpou o suor da cara ao ombro. — Eu telefonei-lhe a perguntar: «Onde é que estás?» Ela respondeu que estava naquilo do Dia da Noiva. «Tens alguma chave algures?», perguntei, e ela disse que não, mas que voltava dali a umas horas. «Umas horas!», disse eu. «Não posso esperar umas horas! Tenho um gato comigo!» E então ela disse: «Um gato?» Passou-se completamente. Disse que eu não podia levar nenhum gato para casa dela, porque o Kenneth é alérgico.

— Ah, sim? — disse eu.

— *Mortalmente alérgico*, segundo ela.

— Mas... O Kenneth nem sequer vive com ela — disse eu.

— Se preferes acreditar nisso... — respondeu o Max.  
— Tu sabes que ele dorme lá montes de vezes e, além disso, é claro que vão viver juntos depois do casamento.

— Sim, pronto, *depois* do casamento.

— *Mortalmente alérgico*, Gail. Do género, se ele entrar numa casa onde um gato tenha deixado um bocadinho de pelo, mesmo que o gato já se tenha ido embora há imenso tempo, pode precisar de um ventilador.

— Um ventilador!

— Ou lá como se chamam aquelas coisas com que os asmáticos têm de andar.

— Queres dizer um vaporizador — corrigi.

— Não, não é um vaporizador. Como é que se chama mesmo? Um pulverizador, talvez?

Detive-me a pensar.

— De qualquer maneira, foi isso que disse a Debbie. Se ele estiver ao lado dela e se ela tiver pelos de gato no casaco, ele começa a sufocar e vai precisar de um...

Ficámos os dois especados, a ponderar.

— Hum? — disse a gata.

Olhámos para a transportadora.

— Enfim — disse o Max, enquanto soltava os dois trincos e abria a tampa. Em vez de sair, a gata encolheu-se ainda mais, olhando para mim. Era branca e cinzenta, tigrada, com um focinho arredondado.

— E, então, não me lembrei de mais nenhum sítio para onde pudesse ir — explicou o Max. — Eu sabia onde

é que tu escondes as tuas chaves. E não me ocorreu que estivesse em casa durante a semana.

— Sim, pois... — disse eu. Virei-me para a gata.  
— Olá.

Ela semicerrou os olhos.

— Como é que se chama? — perguntei ao Max.

— Não sei.

— O quê? Como é que podes não saber?

— Estou só a acolhê-la temporariamente — explicou.

— Sou voluntário num abrigo onde precisam de pessoas que fiquem com os animais até serem adotados. Costumam ser ninhadas de gatinhos selvagens que precisam de ser domesticados, mas esta aqui já é uma sénior. Estava a pensar chamá-lhe *Pearl*, pelo menos enquanto ficar com ela.

— *Pearl!*

— Por causa da cor.

— Não podes chamar *Pearl* a um gato.

— Porquê?

— Os gatos são péssimos com as palavras — expliquei. — Não são minimamente parecidos com os cães. Os gatos percebem apenas o tom de voz, e *Pearl* é como se fosse um rosnido.

— Ah, sim?

— Tal como *Ruby*. Tal como *Rhinestone*.

— Ah! — entusiasmou-se o Max. — Estás a ver?  
As coisas acontecem sempre por uma boa razão.

— Acontecem? — perguntei. — Do que é que estás a falar?

— Podes ajudar-me a escolher o nome da gata — disse ele. — Às tantas até resolves adotá-la. Que tal?

— Max... — suspirei. — Às vezes, penso que não me conheces nem um bocadinho.

— Mas tu adoras gatos! Até tiveste aquele gatinho branco muito simpático. E esta já está habituada a mulheres mais velhas.

— Obrigadinha — resmunguei.

— Eu disse «mais velhas» — lembrou ele. — Não disse «velhas».

— Não quero nenhum gato. Era só o que me faltava.

— O que achas de *Mary*? — sugeriu ele. — Ou *Carol*? Que tal esses?

— Esquece, Max — respondi. Para logo acrescentar: — Eu se fosse a ti evitava o R. Fica a parecer que estás a rosar.

— Ah, pois é. Certo. Obrigado. — Refletiu um instante. — Que tal *Lucy*?

— Já te disse para esqueceres o assunto.

Ele suspirou.

— Se calhar, podias deixá-la num abrigo aqui em Baltimore — sugeri. — Tenho a certeza de que não eram capazes de a recusar.

— Não podemos abandonar assim os animais que nos entregam — disse ele. — Não. É melhor ficarmos aqui em tua casa, e depois levo-a de volta para Cornboro, se não quiseres mesmo adotá-la.

— Tenho a certeza absoluta de que não quero ficar com ela — respondi. — E também não quero nenhum hóspede.

— Pois, mas agora tenho as roupas cheias de pelos de gato. Não posso ir para casa da Debbie, mesmo que não leve a gata.

— Agora que falas nisso, se calhar nem vais poder ir ao casamento — retorqui. — Imagina que o Kenneth começa a sufocar durante os votos.

Isto era pura maldade. Eu não acreditava nem por um instante que o Kenneth pudesse sufocar; ele sempre me tinha parecido um homem saudável.

O Max, porém, ficou abalado.

— Faltar ao casamento da minha própria filha?

— Bem, podes sempre levar uma gabardine por cima da roupa — brinquei. — Ou um daqueles fatos de proteção contra materiais perigosos.

O telefone da cozinha tocou. Olhámos para ele. Voltou a tocar outra vez, e uma terceira.

— Não vais atender? — perguntou o Max.

Mas eu estava a pensar que talvez fosse a Marilee, e é claro que depois da minha mensagem se ouviu a voz dela.

«Gail? Estás aí?»

Era por isso que eu ainda tinha um gravador de chamadas físico; havia demasiadas pessoas com quem podia não me apetecer falar.

«É que devíamos discutir isto», disse a Marilee. «Podes atender, por favor?»

O Max franziu a testa para mim.

— Ignora — pedi.

— O que é que se passou?

— Não se passou nada.

— Está bem...

O gravador de chamadas desligou-se, e eu virei-me outra vez para a gata. Fechei momentaneamente os olhos. Os gatos acham-no reconfortante; é como se

fosse um sorriso, para eles. Depois, olhei noutra direção. Ouvi um ruído e, quando me virei de esguelha, vi-a a levantar-se cuidadosamente da transportadora e a pôr as patas na bancada.

— Parece que temos um bocadinho de peso a mais — murmurei.

Como que a demonstrá-lo, ela saltou para o chão com uma pancada audível.

— Acho que deve ser do stress — comentou o Max. — Parece que ela ficou algum tempo sozinha até darem pela morte da dona.

Dei um estalinho de empatia com a língua.

— O que é que se passa com a Marilee? — quis saber o Max. Ele nunca teve jeito para se meter na sua própria vida.

— Não se passa nada com a Marilee — respondi.

A gata dirigiu-se à sala de estar, e eu aproveitei para ir ostensivamente atrás dela. Ela parou um instante a cheirar as franjas do tapete, aproximou-se de uma poltrona e saltou lá para cima, mais ágil do que seria de esperar.

— Do que é que ela queria falar? — insistiu o Max, a perseguir-me.

Desisti.

— Ela vai reformar-se no outono e quer que a administração contrate outra pessoa para a substituir, uma professora de Nashville. E essa professora de Nashville pediu para trazer a sua própria assistente. Então, achei que mais valia demitir-me antes que me despedissem.

— Ótimo — disse o Max.

Virei-me para o encarar.

— Sabes perfeitamente que o teu grande talento sempre foi dar aulas — continuou o Max. — Ajudar todos aqueles miúdos que têm um medo que se pelam da Matemática.

— Só te estás a esquecer de que os professores ganham uma miséria — lembrei-lhe. — Caso contrário, porque é que eu me teria submetido ao inferno de fazer o curso de Administração Escolar?

— E qual é o problema? Agora que a Debbie já saiu da faculdade de Direito, podes voltar a fazer aquilo em que és verdadeiramente boa.

— Não é assim tão simples — contrariei-o.

Apesar disso, era simpático da parte dele dizer que eu era boa nalguma coisa.

Ele mudou de assunto.

— Acho que é melhor ir buscar as coisas da gata. — Saiu, deixando a porta da rua aberta, embora o ar condicionado estivesse ligado.

Virei-me outra vez para a gata. Parecia um pão de forma em cima da poltrona, com as patas da frente dobradas por baixo do corpo. Quando me viu a observá-la, fechou indolentemente os olhos e voltou a abri-los.

O Max entrou com um saco de comida de gato dentro de uma caixa de plástico castanha e com um saco de areia maior pendurado na outra mão.

— Onde é que ponho o caixote da areia? Na cozinha? — perguntou-me.

— Não! Na cozinha, não! Valha-me Deus! Na casa de banho.

Ele dirigiu-se à casa de banho. É claro que a porta da rua continuava aberta. Fui fechá-la, batendo-a com força.

Quando voltou, pegou na mochila que estava na cozinha e pôs-se a subir as escadas.

— Os lençóis estão no armário da casa de banho? — gritou cá para baixo.

— Não precisas de lençóis; a cama está feita — disse eu.

— Ainda bem que a minha mãe já não está viva — disse ele. — Lembras-te de como ela não tolerava a ideia de uma cama de hóspedes com lençóis que não fossem completamente frescos?

— Ah, sim? — perguntei num tom trocista. — Não *tolerava* a ideia, era? — Subi as escadas atrás dele; tinha acabado de me lembrar que a cama estava atafalhada de fotografias antigas que eu tinha estado a escolher para fazer uma exposição na festa da Debbie. — Será que aprendeu isso no *Boas Maneiras para os Despistados*?

— Hã?

Entrei no quarto de hóspedes antes dele e comecei a pegar nas fotografias, destruindo todo o trabalho de separação que já tinha feito.

— Ei, olha só! — disse ele, com um ar espantado. — Somos nós na Bethany Beach.

Ele tinha pegado numa pequena fotografia, do tamanho de uma carteira, que estava em cima da almofada, com os rebordos esgaçados. Eu e o Max éramos bastante novos, e a Debbie estava muitíssimo fofa num daqueles fatos de banho com uma saiinha de bailarina. Não ia usar aquela; a mãe do Kenneth tinha dito especificamente que as fotografias deviam ter dez centímetros por quinze. Mas a Debbie estava tão querida! Tinha a cara salpicada daquelas pequenas sardas com que ficava sempre

no verão e que se desvaneciam por magia antes do Dia de Ação de Graças. Tirei a fotografia das mãos do Max e fiquei espedada a olhar para ela.

— Devias voltar a ter o cabelo comprido — disse ele.

— Como uma avó a querer usar minissaia — resmunguei.

— O quê?

Juntei a fotografia ao meu monte e virei-me para sair do quarto com elas. Depois, olhei de relance para o Max.

— Tu não achas que eu tenho falta de competências sociais, pois não?

— Hã? — disse ele.

— A Marilee acha que eu tenho falta de competências sociais.

— A sério?

Percebi que ele não estava a prestar atenção. Tinha posto a mochila em cima da cama e começou a abri-la.

— Quer dizer, é claro que não sou nenhuma Miss Simpatia — continuei —, mas, de certa forma, sou eu que mantenho aquela escola de pé! Olha para a altura da Covid, por exemplo: fui a única que continuou a ir trabalhar todos os dias. Tive de tratar sozinha do correio e do pessoal das limpezas, e até fiz uma visita guiada a um pai mais desconfiado. Com as janelas todas abertas, é claro.

— Certo — disse o Max. Tirou um cilindro daqui engelhado da mochila e desenrolou-o: um blazer. Levantou-o para o examinar melhor.

— É preciso imensa compostura para falar cara a cara com alguém que usa a máscara por baixo do nariz — acrescentei.

— Tive uma ideia — disse o Max. — Sabes que na zona onde eu moro há montes de pessoas idosas, que se instalaram em Eastern Shore depois de se reformarem. Sempre achei que alguém devia abrir uma mercearia chamada The Singles Bar. Percebeste?

— Hã? — disse eu.

— Era tudo vendido em doses individuais. Uma cenoura, em vez de um saco inteiro. Dois dónutes, em vez de uma dúzia. Meia dúzia de espargos, apenas.

— Hum — respondi.

— Pensa só um bocadinho — pediu ele.

— No quê? — perguntei.

— Em abrir uma mercearia em Eastern Shore.

Olhei embasbacada para ele.

— Então, achas *mesmo* que eu tenho falta de competências sociais.

— Não, só queria dizer que...

— Primeiro, dizes que eu tenho imenso jeito para curar a ansiedade dos miúdos com a Matemática, mas depois sugeres que vá vender espargos! É isso que achas de mim?

— Não percebeste nada — disse ele. — Estás sempre a fazer o mesmo. Pegas na mais pequena coisa que eu diga e dás-lhe completamente a volta. Assim não se consegue discutir contigo.

— Como queiras — retorqui, antes de acrescentar: — Bem, vou à lavandaria. Adeus.

— O quê? Agora?

— Agora mesmo, sim.

Saí do quarto. Desci as escadas, peguei na mala e fui até ao carro.

Como é óbvio, ele tinha estacionado tão em cima de mim que tive de fazer meia dúzia de manobras antes de arrancar.

---

Há vários anos que ia à mesma lavanderia — uma pequena loja em Bachelor Street com um homem bai-xote e mal-encarado ao balcão. Ele dava sempre a impressão de nunca me ter posto os olhos em cima, de maneira que me limitei a entregar-lhe o meu canhoto sem dizer nada. O homem pegou no papel em silêncio e foi buscar um vestido. Era o meu vestido oficial para a Noite dos Pais, cinzento-claro. Para o casamento em si, estava a pensar levar a minha melhor roupa, um vestido cinzento de seda um bocadinho mais escuro. (Não me dou bem com cores.) A Debbie tinha-se oferecido para me ajudar a comprar um vestido de mãe da noiva, mas achei que não fazia muito sentido gastar tanto dinheiro numa coisa que só ia usar uma vez.

Pendurei o vestido num gancho no carro, e estava prestes a sentar-me ao volante quando reparei por acaso no sítio em frente ao qual tinha estacionado: o Salão de Beleza da Sheila. Hesitei. Depois, voltei a fechar a porta do condutor.

Era um salão minúsculo, com uma única cadeira. Não admirava que eu nunca tivesse reparado nele. E não havia ninguém à vista.

— Olá? — chamei.

Ouviram-se passos vindos dos fundos da loja, e apareceu uma rapariga com o cabelo pintado de rosa-choque

a cair-lhe até ao ombro de um lado, e cortado acima da orelha do outro.

— Oh — disse eu. Depois, acrescentei: — Nem sequer tenho marcação... — Recuei até à porta enquanto falava. — Se calhar, é melhor ligar depois e...

— Não tem mal nenhum. Por acaso, até estou livre — respondeu a mulher. — O que é que queria fazer?

— Hã... Talvez um pouco de volume? Para o casamento da minha filha. Mas não queria...

— Eu posso fazer isso! — disse ela. — Quando é que ela se casa?

— Amanhã. E hoje é o jantar de ensaio.

— Ah, que fixe! Sente-se — pediu a jovem.

Acenou para a cadeira e eu sentei-me. Há anos que não entrava num salão de beleza, mas lembrava-me vagamente de que primeiro havia um processo de instalação durante o qual me tiravam a mala e a escondiam algures por perto. Não ali, no entanto. Sentei-me rigidamente com a mala em cima dos joelhos, a sentir-me mais uma candidata a um emprego do que uma cliente. Entretanto, a mulher começou a andar à minha roda. Pegou-me numa madeixa de cabelo e deixou-a cair, como se não tivesse passado na inspeção.

— O que acha? Damos-lhe um cortezinho? — perguntou.

— Não! — respondi. Além de o Max já ter insinuado que eu tinha o cabelo demasiado curto (pela altura do queixo, mais ou menos), tive medo de que aquela mulher o pudesse cortar de forma assimétrica. — É só para parecer que me esforcei um bocadinho — expliquei. — Não quero que as pessoas achem que não me dei ao trabalho.

— Certo — disse ela. Tirou um avental de uma das prateleiras, sacudiu-o e embrulhou-me nele, mala incluída. — O que acha de pintarmos um bocadinho? — sugeriu.

— Não, obrigada.

Tenho aquele tipo de cabelo loiro que se desvanece gradualmente até às pontas, e nem queria imaginar como ficaria esquisita de outra maneira qualquer.

— Se pudesse apenas dar-lhe um pouco de volume, por favor — pedi. — Só para não ficar tão descaído.

— É claro — disse ela, embora parecesse desapontada.

A razão pela qual me costumo manter afastada de salões de beleza é porque nunca sei do que hei de falar. São uns autênticos antros de mexericos! Da última vez que fui a um, andava no liceu (eu avisei que foi há que séculos, não foi?), e lembro-me de que estava a meio do penteado para o baile de finalistas quando ouvi a cliente ao meu lado dizer:

«Descobri finalmente quem é a Outra.»

«Não!» Era a cabeleireira, virando-se de olhos esbugalhados para a mulher com a tesoura suspensa no ar. «Como é que isso aconteceu?», perguntou.

«Estavam a sair os dois juntos do Morgan Millard. Vinham a rir-se, todos dengosos, e nem sequer repararam que eu estava à frente deles, graças a Deus.»

«Ela era parecida contigo?», indagou a cabeleireira. «Já sabes que eu tenho a teoria de que os maridos costumam escolher o mesmo tipo de mulheres.»

«Nem um bocadinho. Parecia um rato, aliás. Com o cabelo castanho curto. Eu sou *muito* mais gira do que ela, modéstia à parte.»

«Então pronto», respondeu a cabeleireira. «Ele é que fica a perder.»

O que é que eu podia contar à minha cabeleireira que se comparasse àquilo? Era uma adolescente magriçela com 17 anos e aparelho nos dentes, na altura. Desde que tinha entrado no salão, as minhas palavras resumiram-se a um «Gail Simmons, quatro da tarde?», após o que lhe mostrei a revista com o penteado que queria. Ponto final.

Portanto, depois dessa visita, passei a cortar o meu próprio cabelo. Não é assim tão difícil, se querem que vos diga; basta lembrarmo-nos de que temos de o cortar um bocadinho mais curto atrás do que seria suposto, para compensar o facto de o termos puxado para a frente.

Ao que parecia, as coisas não tinham mudado assim tanto desde então. Com 61 anos, a caminho dos 62, fiquei sentada em silêncio enquanto ela me lavava o cabelo, me penteava e me secava durante uma eternidade. Quando rodou a minha cadeira de frente para o espelho outra vez, a perguntar o que achava, limitei-me a responder que estava bom, embora não estivesse. (Parecia uma esfinge, para ser sincera, com um bico de cada lado da cara.)

— Vai ser um casamento de arromba? — perguntou ela, tirando-me o avental.

No entanto, percebi que ela só estava a tentar preencher o silêncio, pelo que disse que não e estendi-lhe o cartão de crédito.

Depois, ouvi o meu telefone tocar enquanto assinava o recibo, e fiz uma grande algazarra a tirá-lo da mala

enquanto me dirigia à porta. Oh! Era a Debbie. Atendi no passeio.

— Estou?

— Mãe?

— Olá, Deb. Já acabaste o teu Dia da Noiva?

— Não, não. Valha-me Deus. Ainda agora começámos a pedicure. Só te queria avisar que o pai chegou mais cedo.

— Eu sei — respondi.

— E que trouxe um gato com ele.

— Eu sei.

— Sabes?

— Ele apareceu-me à porta — contei. — Eu estava em casa por mero acaso e ele apareceu com uma gata, a querer instalar-se no quarto de hóspedes.

— Ótimo! É que ele não pode ficar lá em casa. O Kenneth é alérgico a gatos.

— Mas *eu* não quero que ele fique em minha casa!

— É só uma noite. Ou duas, no máximo, dependendo de como correrem as coisas amanhã.

— Duas? Ele estava a pensar dormir em tua casa *na tua noite de núpcias*?

— Qual é o problema? — disse a Debbie.

Eu conhecia aquele tom de desafio. Recuei ligeiramente.

— Pronto, então parece que fiquei entalada com ele — respondi. — Que sorte a minha.

— Não vai ser assim tão mau.

— Tu sabes como ele costuma tomar conta do espaço. Está sempre a armar confusão por todo o lado. Além disso, não te esqueças de que agora é vegano.

Um clássico imediato,  
caloroso, sagaz e espirituoso,  
que celebra as segundas oportunidades.

Gail Baines está a ter um dia péssimo. Para começar, perdeu o emprego — ou pediu a demissão, dependendo da pessoa a quem se pergunta. No dia seguinte, a sua filha, Debbie, casa-se, e ela nem sequer foi convidada para o dia de spa da noiva. Para piorar, o ex-marido, Max, aparece sem avisar à sua porta, sem sítio onde ficar, nem fato para o casamento. Em vez disso, traz um gato com ele (não importa que o noivo seja mortalmente alérgico).

Mas a verdadeira crise surge quando Debbie partilha com os pais um segredo que acabou de descobrir sobre o seu futuro marido, o que não só colocará o casamento em causa, como fará ressurgir o passado de Gail e Max.

Narrado com profunda sensibilidade e sentido de humor acutilante, repleto das alegrias e mágoas sempre presentes no amor, no casamento e na vida familiar, *Três Dias em Junho* é um romance triunfante que nos revela a autora vencedora do Prémio Pulitzer no auge da sua carreira.




«Tyler ilumina o espaço que existe entre as pessoas e mostra como é estar do lado de fora a observar. É este o seu superpoder.»

*The New York Times*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)

   penguinlivros

ISBN: 978-989-583-933-9



9 789895 839339